



SUMÁRIO

Pular sumário [»»]

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Créditos

Para Kathie Moore, que acordou às 5 da manhã para assistir ao casamento de William e Kate comigo por mensagens de texto. Te amo, mamãe.

Desde que o príncipe Alexander da Escócia foi flagrado com a bela loira americana, Ellie, nós ficamos doidos por ela! Mas será que você sabe tudo sobre a provável futura princesa? A gente aposta que pelo menos alguns destes itens vão te surpreender!

1. Eleanor Winters pode até ter o mesmo sotaque cantado de seu namorado, mas ela nasceu na Flórida e é filha de pais britânicos!
2. A paixão pelos holofotes claramente é de família: o pai de Ellie já foi músico e a mãe escreve romances policiais que se passam na pequena e aconchegante cidadezinha de Ellie.
3. Nascida em 9 de setembro, Ellie é virginiana (sem piadas sobre príncipes só se casarem com virgens)!
4. Oradora, Bolsista por Mérito Acadêmico e capitã do time local de natação, Ellie sempre foi muito ambiciosa! Hmmmm, só que não estou vendo nenhuma coroa nessa lista. Mas por que ser rainha do baile quando você pode ser uma rainha DE VERDADE?
5. Ellie frequentou a *très exclusive* University of the Isles no país natal do namorado – seu futuro reino –, onde estudou literatura inglesa!
6. Sua cor favorita é azul, como você já deve ter notado por suas roupas incríveis.
7. Desde o ano passado, Ellie trabalha em uma pequena editora em Edimburgo, editando livros infantis sobre a história da Escócia. E aproveitando para aprender algumas coisas, talvez?
8. Vegetariana desde os doze anos, Ellie está fazendo o príncipe Alexander – um homem que gosta do ar livre – abandonar alguns de seus antigos hobbies, como a pesca com mosca e a caça! (E ouvimos por aí que isso a tornou um pouquinho impopular entre algumas pessoas do círculo social dele!)
9. Embora Eleanor Winters seja definitivamente um nome elegante – ousaríamos dizer nobre? –, o nome do meio de Ellie é bem menos chique: Berry! Aparentemente essa é uma piada interna da família.
10. Ou talvez os Winters só gostem muito de plantas: Ellie tem uma irmã de dezessete anos chamada Daisy!

CAPÍTULO 1

— **Uma velha acabou de me chamar** daquela palavra que começa com “P”!

Eu tiro os olhos da revista que estou folheando. Isabel Alonso, minha melhor amiga e colega de trabalho no caixa do Sur-N-Sav, está apoiada na caixa registradora enquanto estoura uma bola de chiclete. Seu cabelo escuro está preso em uma trança bagunçada, contrastando com o verde do avental.

— Agora? — pergunto. A loja está praticamente vazia, o que tem acontecido desde que um Walmart gigante abriu do outro lado da cidade, então Isabel e eu somos as únicas caixas trabalhando hoje. Faz mais de uma hora que ninguém passa na minha fila, por isso a revista. Ainda assim, não acho que estava tão concentrada a ponto de perder alguma coisa diferente acontecendo, mesmo que fosse alguém sendo super mal-educado.

Isabel revira os olhos.

— O preço do *sour cream* subiu por minha causa.

— Parece justo — afirmo com um gesto de cabeça. — Até porque você é a maravilhosa herdeira do ramo do leite.

Isabel volta ao caixa, apertando botões aleatoriamente.

— A gente precisa de um emprego novo, Daze. Isso é humilhante.

Eu não discordo, mas quando você mora em uma cidadezinha no norte da Flórida, suas opções são bastante limitadas. No outono passado, eu queria um emprego na biblioteca, mas não rolou — eles não tinham dinheiro —, e passar um verão inteiro ajudando na Escola Bíblica me curou do desejo de trabalhar com crianças, ou seja: ser babá ou trabalhar meio período no jardim de infância estavam fora de cogitação. Então só me restava o Sur-N-Sav.

Mas agora, olhando para o meu celular apoiado na caixa registradora, vejo que meu turno acabou.

— Ah, três da tarde, a hora mais linda do dia! — digo alegremente, e Isabel grunhe.

— Não é justo!

— Ei, estou aqui desde as sete — comento. — Você quer sair mais cedo...

— Você tem que pegar o turno da manhã — ela termina, me dispensando com a mão. — O.k., sra. Miller, já entendi.

A sra. Miller é a gerente do Sur-N-Sav, e Isabel e eu já estávamos acostumadas com seus sermões ao longo do último ano.

Suspirando, Isabel se inclina ao lado do caixa, apoiando o queixo nas mãos. As unhas estão pintadas de três tons diferentes de verde, e uma pulseirinha de miçanga desliza por seu pulso fino.

— Só mais quatro semanas — ela diz, e eu repito nosso mantra favorito.

— Só mais quatro semanas.

No fim de junho, Isabel e eu daremos um adeus não muito caloroso à vida no Sur-N-Sav e vamos para Key West, para a convenção da KeyCon, e depois planejamos passar uma semana sem fazer nada pela cidade. O irmão dela mora lá com a esposa e o filho, o sobrinho bebê absurdamente fofo de Isabel, então temos um lugar de graça (e aprovado pelos nossos pais) para ficarmos. Dizer que toda minha vida está girando em torno dessa viagem é subestimar a situação. Nós vamos poder ser nerds e fazer aquelas coisas divertidas que as pessoas fazem em Key West. Mergulhar com snorkel, visitar a casa do Hemingway, comer quantas tortas de limão a gente quiser... Sim, essa viagem vai fazer o meu verão valer a pena, e nós estamos planejando tudo desde quando anunciaram a convenção, há mais de um ano. Nossa autora favorita, Ash Bentley, vai estar lá para falar sobre a série dela, *Finnigan Sparks*, e nós queremos assistir a pelo menos uns vinte painéis diferentes, sobre vários assuntos, de mulheres em óperas espaciais a confecção de cosplays. É o paraíso nerd, e estamos mais do que prontas.

— Você precisa ir lá em casa esse fim de semana pra gente começar a planejar as roupas — ela diz, endireitando-se e apertando botões aleatórios na caixa registradora enquanto Whitney Houston lamenta sobre o maior amor de todos pelo alto-falante. — Ainda não decidi se vou fazer cosplay de Miranda, de *Finnigan e o Falcão*, ou de Jezza, de *A lua de Finnigan*.

— O Ben provavelmente vai preferir a Jezza — digo. Ben é o namorado de Isa há mais ou menos onze bilhões de anos.

O.k., desde o oitavo ano. — Menos roupa, sabe?

Isa franze a testa, pensando.

— É verdade, mas o Ben nem vai estar lá, e não sei se estou pronta pra mostrar um quarto da minha bunda pra Key West toda.

— Justo — concordo. — Além disso, se fizer cosplay de Miranda, você vai poder usar uma peruca roxa.

Ela aponta um dedo para mim.

— Sim! Vai ser Miranda, então. De quem você vai?

Começo a fechar meu caixa, sorrindo.

— Cosplay é a sua área — eu a lembro. — Então só vou de eu mesma. Garota sem graça de calça jeans e camiseta.

— Você é uma decepção e tanto — Isa responde e eu balanço a cabeça.

As portas se abrem e mais um cliente idoso entra enquanto termino meus registros e levo a gaveta do caixa para o escritório da sra. Miller. Na maioria das lojas de conveniência, os próprios funcionários contam o dinheiro, mas anos trabalhando com adolescentes causaram uma certa desconfiança na sra. Miller e, sinceramente, fico feliz de dar essa tarefa para outra pessoa.

Depois disso, atravesso a loja e noto, ao passar pelas revistas que ficam ao lado das filas do caixa, que várias delas foram viradas para trás, deixando os anúncios voltados para o cliente, em vez da capa.

Isso com certeza é coisa da Isabel. Vou até uma estante e viro a revista mais próxima. Vejo um flash de cabelos loiros e dentes brancos e então meus olhos passam pela manchete,

escrita em negrito e amarelo: “DEZ COISAS QUE VOCÊ NÃO SABE SOBRE ELLIE WINTERS!”

Eu me pergunto se alguma dessas dez coisas *me* surpreenderia. Duvido.

Minha irmã levou uma vida livre de escândalos, quase como se soubesse que, um dia, ia acabar parando em capas de revistas. Quase fico tentada a folhear, mas decido que A) seria estranho e B) Isabel *se deu* ao trabalho de tentar esconder as revistas de mim.

— Não era nada de ruim desta vez! — ela grita. — Só achei que você não precisava ver!

Fazendo um sinal de joinha, continuo caminhando até o outro lado da loja, em direção à porta.

Minhas coisas estão na sala de descanso, um espaço horrível decorado com cadeiras verdes de plástico, uma mesa arranhada de alumínio e paredes laranja. Em certo momento, alguém entalhou “BECKY AMA JOSH” no tampo da mesa, e toda vez que eu sentava lá, no meu intervalo, lendo ou estudando, me perguntava que fim teriam levado Becky e Josh. Eles ainda estariam apaixonados? Estaria Becky absurdamente entediada como eu?

Bem, pelo menos Becky nunca foi atacada com fotos da irmã na capa de tabloides.

Ou esteve ela mesma nos tabloides.

Ugh.

Toda essa história da formatura ainda é uma mistura de raiva e dor para mim, uma bola espinhenta alojada no meu peito, e pensar nisso é como cutucar um dente cariado. Você

esquece o quanto o dente está ruim até focar nele, e então, de repente, não consegue pensar em outra coisa.

O que quer dizer que não posso nem arriscar pensar nisso agora, ou vou acabar chorando na sala de descanso do Sur-N-Sav, e não existe nenhum cenário na Terra mais deprimente do que esse. É sofrimento no nível filme-em-que-o-cachorro-morre, então não, não vou fazer isso.

Em vez disso, penduro minha velha bolsa de retalhos no ombro e saio.

A claridade ofuscante e o calor desta tarde de fim de maio são intensos enquanto ando pelo estacionamento e aperto os olhos, procurando os óculos de sol na bolsa, minha mente já antecipando o que farei pelo resto da tarde. Em geral, meus planos envolvem me deitar debaixo do ar-condicionado do quarto e ler o novo mangá que comprei ontem na livraria.

— Dais.

Mas aí está o tal dente careado.

Ótimo.

Michael está apoiado em uma das pilastras amarelas da frente da loja, as pernas cruzadas e o cabelo escuro caindo sobre os olhos. Ele provavelmente ensaiou essa pose. Michael Dorset é *campeão* em se apoiar, um dos melhores, de verdade. Nas Olimpíadas de Caras Gatos ele ganharia, todas as vezes, medalha de ouro em Apoiada Sensual.

Para minha sorte, agora sou imune à Apoiada Sensual (aguardando marca registrada).

Colocando meus óculos de sol no rosto, levanto a mão para o meu ex.

— Não.

O rosto de Michael se contrai em desdém. Ele tem traços muito suaves, bochechas redondas e belos olhos castanhos, e juro que ele ensinou o cabelo dele a fazer essa coisa de cair beeeeeeeeeem certinho sobre a testa. Um mês atrás, esse rosto me transformaria em uma poça de Daisy derretida, e eu até me esticaria para tirar o cabelo do seu rosto. Eu tinha um *crush* por Michael Dorset desde o nono ano. Ele sempre andou com uma galera bem mais popular do que a minha (eu sei, também estou surpresa que meus óculos e minha camiseta da *Hora de aventura* não me tornaram um sucesso), e então *finalmente* o conquistei ano passado.

— Eu errei — ele diz, enfiando as mãos nos bolsos. Michael está usando os jeans mais justos que a humanidade já viu, jeggings pra ser sincera, e está com um dos meus elásticos de cabelo enrolado no punho. O verde.

Lutando contra a vontade infantil de arrancá-lo dele, passo minha bolsa para o outro ombro.

— Isso é um eufemismo.

Está *quente* no estacionamento e de repente percebo que ainda estou usando o avental verde do Sur-N-Sav por cima da roupa. Michael está todo de preto, como sempre, mas não parece estar suando, possivelmente porque só tem, tipo, 0,06% de gordura corporal. Esse é o último lugar em que quero ter essa discussão, então passo por ele e vou em direção ao meu carro.

— Vamos — ele insiste, me seguindo. — A gente precisa pelo menos *conversar* sobre isso.

O asfalto range sob meus tênis enquanto ando. Mesmo que a gente não esteja tão perto da praia, grãos de areia

magicamente aparecem aqui, nos buracos e rachaduras do estacionamento.

— A gente conversou sobre isso — digo. — É só que não tinha muita coisa pra dizer. Você tentou vender nossas fotos da formatura.

A parte divertida de ter uma irmã famosa é que você própria se torna *meio* famosa.

Mas parece que você só fica com as partes chatas da fama, tipo seu namorado vendendo coisas pessoais para um tabloide.

Ou tentando.

Aparentemente, a família real tinha gente de olho nesse tipo de coisa e acabou com tudo bem depressa, o que, para ser sincera, só deixou a situação ainda mais bizarra.

— *Babe* — ele começa e eu o dispenso. Eu *gostei* dessas fotos idiotas. Achei que a gente tava fofo. E agora, toda vez que olho para elas, é apenas mais uma coisa que ficou estranha por causa de Ellie.

Acho que isso foi o que mais me irritou.

— Eu estava fazendo isso por *nós* — Michael continua, e isso realmente me faz parar e me virar.

— Você fez isso para comprar uma guitarra “irada” — digo com a voz sem expressão. — Aquela que você sempre quis.

Michael realmente parece meio culpado depois disso. Ele enfia as mãos nos bolsos, dá de ombros e se apoia nos calcanhares.

— Mas música era o *nosso* lance — ele diz e eu reviro os olhos.

— Você nunca gostou das mesmas bandas que eu, nunca me deixava escolher a música no carro, você...

Remexendo o bolso de trás da calça, Michael me interrompe – outro hábito dele pelo qual eu não era apaixonada –, dizendo:

— Não, escuta. — Ele puxa o celular, deslizando o dedo por ele, e estou a ponto de me virar para ir embora quando ouço um grito vindo do Sur-N-Sav.

— NADA DE GAROTOS! — uma voz ecoa pelo estacionamento.

Eu me viro e vejo a sra. Miller, minha gerente, parada na calçada da loja, na frente das portas com as mãos na cintura. O cabelo dela deveria ser vermelho, eu acho, mas desbotou para algum tom de pêssego e é fino o suficiente para ver o couro cabeludo.

— NADA DE GAROTOS DURANTE O TURNO! — ela grita de novo, apontando um dedo na minha direção, a pele flácida sob seu braço me julgando.

— Eu já saí! — grito de volta e aponto para Michael. — E isso não é um garoto. É uma calça skinny ambulante com cabelo sedoso.

— NADA! DE! GAROTOS! — a sra. Miller berra de novo e, sério, o fato de ela surtar quando suas funcionárias mulheres têm garotos ao redor é, ao mesmo tempo, psicótico e ridículo. Não sei por que ela acha que o maldito Sur-N-Sav é uma central de atividade sexual, mas a regra de “não confraternizar com o sexo oposto” é, de longe, a mais rígida.

— TEM ZERO EROTISMO ROLANDO AQUI NO ESTACIONAMENTO! — eu grito de volta, mas a essa altura Michael já encontrou o que procurava.

— Eu compus isso para você — ele diz, tocando a tela e fazendo uma pequena explosão de música sair do celular. A qualidade é horrível e não consigo entender muita coisa da letra por conta do ruído da guitarra, mas tenho certeza de que ouço meu nome várias vezes, com rimas ridículas, e então Michael começa *a cantar junto* e por favor, Deus, me deixe morrer de ataque do coração, faça um carro passar por cima de mim, aqui mesmo no estacionamento do Sur-N-Sav, porque entre meu ex zumbindo “Daisy me deixa louco” e a sra. Miller marchando em nossa direção, eu não acho que esta tarde possa piorar.

E então levanto o rosto e vejo um SUV preto parado na beira do estacionamento, com as janelas abertas.

E uma câmera com lente teleobjetiva apontada diretamente para mim.

CAPÍTULO 2

Corro para o meu carro, nos fundos do estacionamento, mantendo a cabeça baixa e a bolsa agarrada junto ao corpo. Não consigo ouvir os cliques da câmera com a música idiota do Michael tocando – ele ainda está vindo atrás de mim com o celular estendido como se fosse um presente –, mas imagino mesmo assim, meu cérebro já criando expectativas, pensando em como essas fotos vão ficar, o que a manchete vai dizer. O que quer que seja, com certeza vai me colocar como vilã. No último ano, desde que Ellie começou a namorar o Alex, aprendi que, para os tabloides, tudo era culpa dela. Dois meses atrás, Alex e Ellie foram ao batizado de um navio na Escócia e Alex ficou de cara fechada durante toda a cerimônia, o que gerou várias histórias sobre como minha irmã o fazia sofrer e que as exigências dela por um anel de noivado estavam acabando com eles.

A verdade? Alex tinha quebrado um dedo do pé naquela manhã quando tropeçou na escada. A expressão de dor em seu rosto era de *dor real e literal*, não de tristeza porque a namorada malvada o estava irritando.

Uau, patriarcado.

É por isso que acho tão estranho Ellie comprar essa história de realeza, que é toda construída em cima de merdas como essa. Se ela se casar com Alex e eles tiverem uma filha e *depois* um filho? Adivinhe quem ia governar...

Abrindo a porta do carro com força, eu me viro para encarar Michael. A música está terminando e ele para, olhando para o celular. Sinto que ele vai começar a música de novo e isso obviamente não pode acontecer, então seguro a mão dele. Ele levanta a cabeça na hora, seus olhos escuros encontrando os meus e, droga, ele está dando O Sorriso, que é quase tão potente quanto a Apoiada Sensual, o que quer dizer que preciso cortar o mal pela raiz agora mesmo.

— Você fez isso também? — pergunto, apontando com a cabeça para o SUV, e ele olha na mesma direção. Michael é bonitinho e tudo mais, mas é um péssimo mentiroso — ainda me lembro do incidente com a prova de estudos sociais no ensino fundamental, cinco anos atrás —, então, quando ele parece genuinamente surpreso e sacode a cabeça, eu acredito e suspiro aliviada.

Ele ainda é um babaca que vendeu nossas fotos de formatura, mas pelo menos não está ligando para os paparazzi.

— Olha, Michael — digo, dolorosamente consciente das lentes apontadas para nós, do suor que escorre pelas minhas costas, de como meu cabelo está grudando no meu rosto e de como qualquer maquiagem que eu tenha passado nessa manhã é apenas uma memória distante agora.

— A gente já conversou, tá? — continuo. — Entendo por que você fez aquilo e espero que a guitarra seja incrível e tudo

que você esperava. Mas acabou. Tipo, acabou. Mesmo, mesmo.

Com isso, joga minha bolsa para dentro do carro, deslizo até o assento do motorista e fecho a porta na cara dele. Ele fica ali, parado, com o celular na mão. Vejo meu elástico de cabelo em seu pulso de novo e penso se deveria pedir de volta.

Não, isso só tornaria a situação mais triste ainda, e dado que a sra. Miller finalmente conseguiu alcançar Michael, ele já está sendo castigado o suficiente. O cabelo dela está esvoaçando de fúria, e quando ela sacode um dedo na cara dele, Michael – apesar de ser pelo menos uma cabeça mais alto – se encolhe de verdade.

O que é divertido de se ver.

Eu dirijo para fora do estacionamento, sem me importar em olhar pelo retrovisor.

Não demoro muito para chegar em casa, já que nosso bairro fica apenas a alguns quilômetros da loja. Também não é o mais bonito dos caminhos. Quando meus pais se mudaram para Perdido, era um lugar até legal, para ser sincera. Quer dizer, legal como uma cidade da Flórida que não está nem perto do mar. Era descolada e excêntrica, cheia de artistas, escritores e velhas casas que as pessoas tinham pintado de cores malucas. Verde-limão, turquesa, um tom que chamo de “violeta elétrico”, todas pintadas nessas mansões vitorianas com cara de casinhas de boneca e em aconchegantes bangalôs.

Mas, com o passar dos anos, a maior parte das pessoas legais foi embora e o bege acabou voltando para Perdido. Agora temos até um *country club*, com campo de golfe e tudo, algo que fez meu pai ameaçar se mudar. Perdido pode não ser mais

a idílica comunidade de artistas que já foi, mas ainda é um lugar bom. Quietos, monótonos e, como minha mãe vivia dizendo, longe o suficiente para não valer a pena visitar. O fotógrafo de hoje foi o primeiro que vi em meses. Há alvos melhores para os paparazzi.

Como, por exemplo, Ellie.

O bege com certeza se mudou para Perdido, mas ainda não tinha chegado no nosso bairro. Na verdade, minha casa é uma das mais discretas do quarteirão, pintada de um amarelo alegre, em vez de magenta ou índigo. Construída longe da rua, ela é cercada de bananeiras e buganville, e suas flores rosadas ficam lindas em contraste com a tinta cor de sol. Sinos de vento foram pendurados na varanda, alguns de vidro, alguns de madeira que soam como flautas e aqueles bregas, cobertos de conchas, que vendem em lojas de souvenir locais. Minha mãe tem uma queda por sinos de vento.

Mas não são os sinos que chamam minha atenção quando entro. É o enorme SUV estacionado atrás do carro da minha mãe.

De repente, o fotógrafo nos fundos do Sur-N-Sav faz sentido.

CAPÍTULO 3

Estaciono ao lado do SUV e, quando saio, aceno para os seguranças. São sempre os mesmos quando El e Alex vêm para os Estados Unidos, então já me acostumei com eles.

— Oi, Malcolm! — eu digo. — Tudo bem, David?

David, o mais novo dos dois, levanta a garrafa de água como resposta, enquanto Malcolm só acena com a cabeça. Como sempre, estão usando ternos pretos e sérios, e imagino que, mesmo com o ar-condicionado do carro no máximo, eles ainda estejam morrendo. O calor aqui é coisa séria, mas Alexander não gosta de levar os guarda-costas para dentro da casa dos meus pais, então a garagem é o que resta para Malcolm e David.

— Eu ainda estou decepcionada por vocês não usarem ternos xadrez — digo para eles enquanto passo pelo carro e, enquanto Malcolm continua encarando a casa por trás dos óculos escuros, David ri.

As chaves sacodem na minha mão quando corro pelos degraus da varanda e vejo a porta da frente aberta, mas a porta de vidro fechada. Isso quer dizer que consigo um segundo a

mais para ver minha irmã e o namorado dela sentados no sofá, com posturas impecáveis, antes de entrar. Eles parecem tão lindos e perfeitos como sempre, Ellie com as pernas cruzadas de forma comportada, Alexander sentado no sofá florido da minha mãe como se fosse um trono.

Ele sempre senta assim – talvez esteja praticando.

Lembro do cara tirando fotos no Sur-N-Sav e penso se devia mencionar isso logo. Ellie não ficou contente com o que aconteceu com as fotos da formatura (tipo assim, oi? Eu também não fiquei e, honestamente, acho que sou *eu* quem tem motivos para reclamar), e não tenho certeza se quero entrar no assunto tendo que lidar com essa visita surpresa de El e Alex.

O que aconteceu hoje com Michael provavelmente nunca vai chegar aos jornais.

Assim que entro em casa, El, que não me vê desde o Natal, dá uma olhada na minha cabeça e diz:

— Ah, Daisy, seu *cabelo*! — A voz dela, como sempre, me surpreende. Embora nossos pais sejam britânicos, nós não pegamos o sotaque. Então Ellie foi fazer faculdade no Reino Unido e voltou parecendo uma personagem de *Downton Abbey*.

Eu levanto a mão para prender as mechas vermelho-vivas atrás da orelha, mas decido que dane-se, meu cabelo é *incrível*.

Felizmente, Alexander concorda (ou pelo menos finge), porque no mesmo instante diz:

— Eu aprovo, Daisy. Ruivas, muito populares na minha família.

Ele joga o próprio cabelo ruivo-aloirado para o lado com um sorriso e eu me lembro por que o mundo inteiro está apaixonado por ele. Príncipe Alexander James Lachlan Baird, duque de Rothesay, conde de Carrick, próximo na linha de sucessão para se tornar o rei da Escócia, é ao mesmo tempo gato e, por incrível que pareça, um cara legal. Definitivamente mais legal que El.

— É o cabelo de Pequena Sereia dela — minha mãe diz, vindo da cozinha com uma bandeja cheia nas mãos, um bule de chá e nossas melhores xícaras de porcelana. Antes de Ellie e Alexander, nem sequer tínhamos porcelana. Ou um bule. Nós fazíamos chá em canecas, com água da chaleira elétrica.

Mas eu entendo, quando a filha mais velha deles começou a namorar um príncipe, porcelana chique parecia o mínimo a se fazer.

Minha mãe coloca a bandeja na mesa, mas ninguém se move para servir o chá, provavelmente porque mesmo que Alexander – e agora El – morem na fria e nevoenta Escócia, isso aqui é a Flórida em maio, o que quer dizer que tomar bebidas quentes parece insano, quase masoquista.

— Você não tinha pintado de roxo no ano passado? — Ellie me pergunta e eu levanto as sobrancelhas para ela.

— Você realmente veio lá da Escócia para me interrogar sobre minhas escolhas capilares?

As narinas de Ellie se abrem um pouco e ela entrelaça os dedos atrás dos joelhos.

— É só que parece que sempre tem alguma coisa nova com você. Só estou dizendo isso.

Dou de ombros.

— Eu gosto de experimentar coisas diferentes.

Essa é uma das grandes diferenças entre Ellie e eu: ela sempre foi a Barbie Princesa, desde que nasceu, basicamente. E eu? Eu ainda estou... me descobrindo. Quando Michael disse que música era “nosso lance”, lá no estacionamento, ele não estava errado. Quando namoramos, eu estava super a fim de aprender a tocar guitarra, quase tanto quanto estava animada com as aulas de origami no ano anterior. Ou com as aulas de arte que tive no primeiro ano. Mas, sério, como vamos saber do que gostamos a não ser *tentando* as coisas?

Ellie diz que isso é ser inconstante, mas eu acho que é divertido, e antes que ela possa seguir nessa linha de pensamento, mudo o assunto de volta para ela, que é onde tudo sempre termina, de qualquer forma.

— Eu não sabia que vocês vinham.

Minha mãe está sentada na poltrona dela, então me afundo na do meu pai e Ellie franze levemente a testa.

Ela sempre esteve a um passo de ter ratinhos costurando seus vestidos, mas desde que conheceu Alexander, sua Princezisse da Disney foi para o nível onze. Embora nós duas tenhamos o cabelo claro da mamãe, o de El sempre foi mais brilhante, mais dourado. Neste momento, ele cai em ondas suaves pelos ombros dela, puxado para trás por um par de óculos de sol que deve custar mais que todo meu guarda-roupa. Ela está de calça jeans, assim como Alexander, mas até isso fica chique neles, provavelmente porque foram combinados com caros mocassins de couro. Alexander está usando uma camisa branca com as mangas dobradas e El está

com uma blusa azul-marinho soltinha e estampada com pequenas bolinhas brancas.

Basicamente, eles parecem que deveriam estar num iate, enquanto eu estou vestindo uma camiseta que diz “EVE FOI INCRIMINADA”.

— Foi uma surpresa! — Ellie diz alegremente e Alexander dá um sorriso para mim e minha mãe.

Isso é o mais perturbador sobre Ellie e Alexander. Eles passam tanto tempo sendo pessoas públicas que às vezes agem assim no privado também, então você sente como se eles estivessem dando a menor coletiva de imprensa do mundo, bem ali na sua sala.

— Uma surpresa adorável — meu pai diz, entrando na sala. Ele está usando um par de shorts cáqui que já foram calças, com algumas linhas soltas penduradas sobre os joelhos ossudos. A testa de El se contrai um pouco quando ela olha para o cabelo dele, preso em um rabo de cavalo e começando a ficar grisalho, e para a tinta espalhada por sua camiseta do Pink Floyd. Atualmente, meu pai se vê como um artista, embora não seja muito bom nisso. Mas ele abandonou a música anos atrás e, como minha mãe bem notou, faz bem para ele ter algo que o mantenha ocupado.

E, mesmo que Ellie claramente não esteja impressionada com a aparência do nosso pai, ele é meio que a razão pela qual ela conheceu Alexander.

Aqui, vou fazer como a *Revista Star*:

1. O pai de Ellie, Liam, foi famoso por onze meses em 1992! Segundo Liam, esse é o pior espaço de tempo para ser famoso: não é longo o

suficiente para se lembrarem de você, mas é longo o suficiente para estragar sua vida.

2. Liam esteve em uma banda chamada Velvet! Era tão vergonhosa quanto o nome sugere, e com mais cabelos com gel e ternos apertados do que a filha dele, Daisy, gostaria de mencionar.
3. Velvet teve exatamente UM HIT, *Harbor Me*, e, embora o título pareça doce, o “harbor”, ou “porto”, é usado de forma metafórica, e o clipe foi banido em sete países diferentes. Quanto menos falarmos sobre isso, melhor.
4. A segunda música deles só chegou no #22 (*Staying the Night*, menos nojenta do que *Harbor Me*, mas com referências demais a lençóis e pele), e a terceira nem sequer chegou ao top 100 (*Daisy Chain*, que surpreendentemente não é ofensiva, mas também não é escutável).
5. A essa altura, Liam tinha um apartamento em Londres que não podia mais pagar, um carro chique que já tinha batido duas vezes e um problema com drogas bastante significativo. Muito *Bastidores da Música!*
6. Ele voltou para a cidade natal, um pequeno vilarejo nas Midlands, onde começou a trabalhar na loja de artigos de jardinagem do pai e conheceu a adorável jornalista chamada Bess Murdock, que trabalhava para algum jornal descolado de Londres e se despencou até a pequena Glocks-hire-on-the-Vale para entrevistar Liam para a coluna “O que aconteceu com...?”.
7. Como todos que já assistiram a alguma comédia romântica podem imaginar, os dois se apaixonaram e se mudaram para a Flórida para um recomeço. Para a sorte de Liam, *Harbor Me* – ou uma versão instrumental dela, pelo menos – foi usada em um comercial de carros e, já que Liam era o único compositor da música (um fato que enche sua família de orgulho e de vergonha ao mesmo tempo!), ele se tornou, como dizem, “bem de vida!”.
8. Foi esse lance de sorte que permitiu que os Winters mandassem a filha mais velha, Eleanor, para estudar no Reino Unido, e foi lá que a garota loira de dentes e cabelos brilhantes conheceu o herdeiro do trono escocês!
9. Ellie – como é chamada pelos amigos e familiares – e o príncipe Alexander já namoram há quase dois anos, e isso a transforma na pessoa mais famosa da família, o que quer dizer alguma coisa, já que o pai esteve na capa da NME e a mãe deu uns amassos com um cara

do Oasis uma vez!

10. A irmã mais nova de Ellie, Daisy, trabalha em uma loja de conveniência e pintou o cabelo de uma cor excêntrica, o que a torna a *verdadeira* estrela da família Winters.

Pronto. Agora você está atualizado.

— Vocês vão ficar por muito tempo? — pergunto. A última vez que estiveram juntos aqui foi no Natal, e foi meio que um desastre. Alexander precisou dormir no nosso sofá-cama, o que deve ter sido um retrocesso em relação à cama feita por sei lá que dinastia de marceneiros que ele deve ter lá na Escócia (embora tenha passado o tempo todo insistindo que estava bem e que o sofá-cama era “surpreendentemente confortável” e “uma invenção muito interessante”), e então meu pai deu uma coroa de plástico a Ellie, brincando, o que a deixou tão envergonhada que ela passou a maior parte daquela noite no quarto.

Minha mãe ficou ansiosa com tudo, desde como pôr a mesa até se Alex ficaria ofendido se pedíssemos pizza (nossa tradição na véspera de Natal), e depois internou os guardacostas de Alex para que bebessem gemada com a gente no dia de Natal, o que deixou todo mundo tão desconfortável que, no fim das contas, todos nós ficamos lá sentados em total silêncio, Malcolm e David em seus ternos pretos, El e Alexander vestidos como se fossem à igreja e minha mãe e meu pai e eu de pijamas – ele com um pedaço de guirlanda acidentalmente preso no rabo de cavalo.

Para ser sincera, não foi um choque que, depois de tudo isso, Ellie e Alexander tenham decidido fazer uma visita

“surpresa”. Quanto menos tempo meus pais tivessem para pirar e pensar em novas formas de serem esquisitos, melhor.

— Só o fim de semana — Alexander responde, colocando a mão no joelho de Ellie e dando uma leve apertada. Eles normalmente são tão formais que esse aperto parece ser o equivalente aos dois se agarrarem na minha frente, e isso não é *nada* legal.

— Nós precisamos voltar para Edimburgo na terça — Ellie diz —, mas queríamos falar com vocês primeiro.

E então ela sorri, cobrindo a mão de Alex com a dela e, pela primeira vez, noto o anel de esmeraldas e diamantes em sua mão.

Na mão *esquerda*.

Minha mãe engasga, mas é a reação de meu pai que resume o que estou pensando.

— Meu Deus, Ellie vai ser uma princesa.

CAPÍTULO 4

— **Uma duquesa, na verdade** — Ellie diz e eu juro que ela parece um pouco envergonhada, usando um dedo com a unha perfeita para afastar a franja para o lado.

— Bem, tecnicamente continua sendo uma princesa — Alexander argumenta, colocando as mãos sobre as dela em seu joelho. — Mas sim, o título de Eleanor seria duquesa de Rothesay. Mas, mais importante, ela vai ser minha *esposa*.

El sorri diante do comentário, um sorriso verdadeiro, do tipo que já não vemos com frequência. Quando começou a namorar Alex, o sorriso dela ficou um pouco congelado, um pouco falso.

Da porta, meu pai diz:

— Isso quer dizer que você vai poder mandar nos decapitarem? Porque, se sim, quero lembrar que foi sua mãe que te pôs de castigo por sair escondida quando você tinha quinze anos. É — ele acrescenta para Alex —, ela estava fugindo pra passar mais tempo estudando na biblioteca, mas foi um grande escândalo mesmo assim.

— *Pai* — El diz, mas Alex só dá risada e minha mãe dispensa meu pai com um aceno.

— Para, Liam — ela diz. — Sem brincadeiras hoje.

Ela está usando um vestido velho de verão e tem tinta nos dedos, o que significa que devia estar escrevendo quando Ellie e Alex apareceram — minha mãe é *old school* e escreve seus primeiros rascunhos em blocos de notas —, mas ela está praticamente brilhando.

— Isso é maravilhoso! Com certeza é a coisa mais legal que aconteceu na nossa família.

— Com licença — meu pai diz, cruzando os braços finos sobre o peito — uma vez eu fui lançado de um canhão cheio de glitter em Wembley.

— Liam — minha mãe diz de novo, mas Alex só arqueia as sobrancelhas e diz:

— Acho que isso ganha de um casamento, senhor, tenho que admitir.

Papai estende a mão e a sacode para a frente e para trás.

— No mesmo nível.

— Nós queríamos vir até aqui e contar pessoalmente primeiro, é claro — Alex diz. Apesar de ser escocês, ele soa tão inglês quanto meus pais, mesmo que de um jeito muito mais sofisticado. El tem um sotaque semelhante, mas começa a parecer mais comigo quando está em casa.

— Claro que teremos um anúncio formal em Holyrood na semana que vem — Alex continua —, e tenho certeza de que vai ter bastante atenção da imprensa, então vamos torcer para que meus primos do sul façam algum tipo de escândalo para causar um pouco de distração.

Ele sorri quando diz isso, olhando para nós, e eu fico impressionada com a forma como ele faz tudo isso parecer supercasual. “Holyrood”, como se fosse só um lugar qualquer e não a porcaria de um palácio. Os “primos do sul” são a família real da Inglaterra e, merda, eles serão os primos da El também.

El vai ser da *realeza*.

— Você tem certeza disso? — eu pergunto e todo mundo se vira para mim. Olho para Ellie e... nossa, nunca entendi a expressão “ser fuzilada com o olhar”, mas aqueles olhos realmente atiram em mim.

Talvez essa não fosse *exatamente* a melhor coisa a dizer quando sua irmã te conta que está noiva, mas não pude evitar.

— Ah, Daisy — minha mãe sussurra e Alex limpa a garganta enquanto Ellie começa a subir e descer a perna. Conheço esse tremor. Eu costumava vê-lo no banco de trás do carro logo antes de ela me dar uma cotovelada, ou dizer para minha mãe que eu estava sendo idiota. Antes de Ellie ir para a Escócia, ela até conseguia agir como uma pessoa verdadeira, às vezes, com um temperamento ruim — e, de vez em quando, um pouco dessa pessoa reaparece.

— Me desculpem — digo, olhando em volta. — Tipo, acho que todos nós sabíamos que isso ia acontecer, mas é só que... — Balancei as mãos no ar. — Você passou esse tempo todo nos mantendo separados da família de Alex, e a família de Alex separada de *nós*, e agora você quer — movo as mãos de novo — espremer todo mundo.

O rosto de Ellie fica vermelho, mas não tenho certeza se de vergonha ou raiva.

— É um casamento, não um *esmagamento* — ela finalmente diz, então meu pai coça a barba bagunçada e responde:

— Se você para pra pensar, casamentos *são* apenas esmagamentos caros e formais.

— *Liam* — minha mãe rosna, mas ela está rindo e então acrescenta —, você consegue imaginar os convites? “Nós requisitamos a honra da sua presença quando nossa filha se esmagará com esse homem.”

Meu pai gargalha e o lábio de Alex treme um pouco, enquanto Ellie enfia as próprias unhas nas coxas.

Eu arregalo os olhos e aponto para meus pais.

— Viu? Isso é o que você vai causar à Escócia. Essas pessoas serão os avós do futuro rei ou rainha.

Minha mãe ri, secando os olhos.

— Deus, eu nem tinha pensado nisso — ela diz. — Meu neto, um rei!

— Ou uma rainha, não seja sexista, Bessie — ele diz. — Nós ganhamos títulos por isso? Avô real?

É difícil saber se ele está falando sério ou brincando, porque meu pai é assim e, a essa altura, Ellie está tão quieta e rígida que realmente acho que ela vai se partir em um bilhão de pedacinhos brilhantes bem na nossa frente.

Alex dá um tapinha em seu joelho, e então nos dá o mesmo sorriso que provavelmente tem que dar para os doidos que vão até ele e insistem que *eles* são o verdadeiro Rei da Escócia.

— Veremos o que será possível fazer, senhor — ele diz para meu pai e então olha para mim.

— Entendo que isso vai ser uma grande mudança para você, Daisy. — Recebo o olhar Criancinhas Doentes no Hospital: queixo inclinado para baixo, sobrancelhas juntas, olhos azuis cheios de compaixão. Ele faz isso com frequência, usar a combinação de beleza e autoridade real para nos convencer de que tudo vai ficar bem. — Mas talvez não tanto quanto esteja pensando. Nós todos tentamos, de verdade, viver vidas relativamente comuns e faremos o possível para minimizar qualquer... incômodo para você.

Recostando na poltrona, cruzo os braços sobre o peito. Gosto de Alex, mesmo. Ele é um cara genuinamente legal, mas vem com muita bagagem, e nunca consigo escapar do sentimento de que é um pouquinho injusto eu ter que carregar parte do peso só para Ellie poder ser uma princesa.

Quer dizer, eu entendo o apelo, e Deus sabe que ela parece uma princesa desde que tinha uns três anos de idade, mas é tudo tão... Não sei. Tão sem sentido. Acenar para multidões, cortar faixas, ser esse *ornamento* só por causa de uma casualidade no nascimento.

Ou, no caso de Ellie, de casamento, acho.

— E eu garanto — Alex continua — que, no fim das contas, esse vai ser um casamento bem normal.

— Vai passar na TV — eu o lembro. — Isso não é normal.

Os cantos da boca de Ellie se viram para baixo e, neste segundo, ela se parece, mais uma vez, com minha irmã mais velha de sempre, a que uma vez roubou todos os meus lápis de cor porque usei seu batom favorito em um dos meus desenhos (em minha defesa, aquele tom de rosa fazia um pôr do sol

incrível, e esse desenho ainda está pendurado no escritório da minha mãe).

É Alex que intervém de novo.

— Entendemos que vai ser muita coisa para todos vocês — ele diz. — A atenção, a viagem, tudo isso. E já estamos organizando as coisas para garantir que todo o processo seja o mais tranquilo possível. Como Ellie disse, nós queremos que isso seja o evento familiar que é, em vez de um... espetáculo.

Do canto em que está, minha mãe se inclina para a frente e diz:

— E nós agradecemos, Alex, de verdade.

— Eu não — meu pai diz, ainda se apoiando na porta. — Adoro um espetáculo.

Todos nós o ignoramos e Ellie flexiona os dedos onde eles se encontram com os de Alex.

— O casamento vai ser no inverno — ela diz. — No Natal.

Minha mãe pisca, a mão remexendo seu longo colar, o que comprei para ela em uma excursão da escola para Boston dois anos atrás. É um pingente que parece um chapéu antigo feito de cobre e ela o usou praticamente todos os dias desde que eu lhe dei.

— Dezembro? — ela repete. — É daqui a sete meses. Ellie, você com certeza precisa de mais tempo pra planejar...

— Já existe um protocolo para um casamento real — Alex interrompe. — E nossas datas são limitadas, dado o calendário da minha mãe e a escola dos gêmeos.

Claro. Os gêmeos.

Ao pensar no príncipe Sebastian e na princesa Flora, meu estômago se retorce todo outra vez. Como eu disse, nós nos

acostumamos com Alexander, mas não tivemos nenhum contato com a vida chique de El, e isso inclui conhecer os irmãos de Alexander. Eles têm minha idade ou só um pouco mais velhos e, embora tenha apenas dezessete anos, príncipe Sebastian é basicamente um dos solteiros mais desejados do mundo. E a princesa Flora? Se Ellie parece glamorosa agora, isso não é nada comparado com Flora, que foi capa da *Vogue* quando tinha *oito anos de idade*.

E agora eles serão parte da minha *família*. O que isso quer dizer, sério? Nós sairemos de férias com eles? Vamos trocar presentes de Natal? O que você *compra* para uma porcaria de uma princesa?

De repente, me sinto tonta e um pouco enjoada e me vejo levantando.

— Tudo bem, filha? — meu pai pergunta e faço que sim, afastando o cabelo suado do rosto.

Está mais quente ainda quando saio para a varanda, mas estar fora da sala de estar, mesmo que por pouco tempo, ajuda. Sinto cheiro de chuva vindo e respiro fundo, fechando os olhos, ouvindo os sinos de vento da minha mãe.

Depois de um tempo, as portas atrás de mim se abrem e espero ver minha mãe, as mãos agitadas como todas as vezes em que ela fica nervosa. Mas, quando me viro, é Ellie.

— Você poderia não fazer isso, talvez? — ela pergunta, franzindo um pouco a testa.

— Não fazer o quê? Surtar porque as coisas estão prestes a ficar bastante bizarras pra mim?

O rosto dela se contrai mais e eu me sinto um lixo de repente.

— El, não — digo enquanto encosto um quadril na grade da varanda e tiro meu cabelo dos olhos. Até El está um pouco suada. — Estou feliz por você — afirmo, mas ela só sacode a cabeça e olha para o teto da varanda por um segundo.

— Talvez seja bom você praticar um pouco para *não* parecer que está morrendo — ela diz e passo o peso de um pé para o outro, os braços cruzados. O vento está aumentando, mas mechas de cabelo ainda grudam no meu rosto e pescoço.

— Talvez, se duas semanas atrás meu namorado não tivesse usado minha conexão com *você* pra ganhar um dinheiro extra, eu estaria mais feliz. Mas ele fez isso, então não estou.

— Como seu péssimo gosto pra garotos é *minha* culpa?

— Michael não é péssimo — digo, embora meia hora atrás eu com certeza o achasse péssimo.

— Eu sei que é bem difícil entender que nem tudo é sobre você, Daisy — Ellie continua —, mas...

— Não é! — eu interrompo e lá vamos nós de novo. Talvez os sete anos de diferença entre nós seja muita coisa, talvez sejamos apenas o oposto uma da outra, mas coloque eu e Ellie juntas em um quarto por mais de dez minutos e nós, de algum jeito, acabamos assim. — Eu entendo — continuo —, mas você não está pensando em *nós*. Tipo, eu sei que vai ser uma delícia ser uma princesa e tudo mais, mas nenhum de nós queria isso. Os tabloides, as fotos e... — aponto para o carro com os guarda-costas — *aquilo*.

Ofegante, Ellie coloca as mãos nos bolsos de trás da calça. Ela está definitivamente suada agora e, para ser sincera, é um alívio ver uma parte da sua casca de princesa rachando.

— Bem, a vida nem sempre é justa — ela diz —, e sinto *profundamente* se me apaixonar por um homem maravilhoso é inconveniente pra você.

Eu dou um riso de desprezo.

— Ah, claro, porque você teria se apaixonado pelo Alex mesmo se *ele* trabalhasse no Sur-N-Sav, tenho certeza.

As sobrancelhas de Ellie sobem até quase a linha do cabelo.

— O que *isso* quer dizer?

Mas antes que eu pudesse responder, levantei o rosto e dei uma olhada no que estava acontecendo lá dentro através da janela da frente, e...

— Ai, meu Deus, mãe — eu digo e Ellie se vira de repente, jogando os cabelos loiros na minha cara.

— Não! — ela engasga e nós duas corremos para a porta da frente, unidas uma vez na vida.

Minha mãe está sentada no sofá, ao lado do futuro Rei da Escócia, um braço passando pelos ombros dele, o outro segurando um celular.

Ela pode ser antiquada quando se trata de escrita, mas superatualizada na tecnologia quando estamos falando de celulares, o que quer dizer que no último ano, mais ou menos, ela se tornou a Rainha das Selfies. E então, alguma pessoa cruel — provavelmente nossa vizinha, a sra. Claire — lhe mostrou alguns filtros bobinhos e, desde então, nossa vida se tornou um inferno com caras de cachorrinhos, olhos de anime e chifres de unicórnio.

Deus abençoe Alex, que sorri animado enquanto minha mãe baixa o celular, dando risadinhas.

— Ah, esse é novo, esse é perfeito! — Ela ri alto antes de virar a tela para nós.

Lá estão eles, Alex e minha mãe, ambos usando enormes coroas e pesadas correntes em volta do pescoço, um balão saindo da boca de Alex com a fala “é bom ser rei”.

— *Mãe* — Ellie diz, como se ela tivesse acabado de esfaquear o rosto de Alex em vez de tirar uma selfie idiota com ele, mas minha mãe a ignora, ainda rindo enquanto digita.

— Ai, relaxa, Eleanor, ele é da família agora! E não é como se eu fosse colocar no Facebook ou algo do tipo. Vai ser só pra mim.

Para ela e para as vinte mulheres que ela conhece em toda a cidade, é meu palpite.

— Essa é uma ótima foto nossa — Alex diz, e Ellie e eu nos viramos para ele. Talvez ele não seja um príncipe, mas um santo.

Então meu pai estica o pescoço para dentro da sala, vindo da cozinha com uma garrafa de champanhe na mão.

— Devo abrir isso aqui, então? O.k., eu não posso beber nada. A última vez que bebi champanhe foi em 1996 e acabei dando um beijo no Ewan McGregor no lobby do Mandarin Hotel. — Ele dá de ombros. — Um cara bem bonito, aliás. Não achei nada ruim. Mas enfim, desde então, nada de álcool pra mim. Não só por causa do beijo, mas todo o resto, vocês sabem. — Ele acena com a mão. — Vícios, acidentes de carro, acabar com a vida e coisas assim.

Tirando o alumínio dourado que cobre o gargalo, ele acena para Alex com a garrafa.